

Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

Uma palavra à cerca das Missões

10.11.11
BIBLIOTECA

NA hora presente em que o grande movimento missionário alista tantas almas abnegadas, tantos jovens entusiastas, não virá a propósito dizer aqui, em poucas palavras, o que se entende por «Missão»?

Dum lado, «o trabalho que visa a incorporar sempre no Reino de Cristo novos povos e novas regiões» e do outro «o campo de acção em que o trabalho se executa», eis o duplo significado dessa palavra que faz vibrar todo o coração católico.

E donde vem a ordem de conquistar o mundo?

Quando é que os primeiros missionários receberam êsse mandato?

Antes de deixar a terra, Nosso Senhor reuniu uma última vez os seus apóstolos, e num gesto largo, abrangendo os horizontes infinitos, disse-lhes: «Ide, ensinai e baptizai todos os povos!»

Fiéis à imposição do Mestre, partiram

em tôdas as direcções, espalharam sem temor a semente evangélica às mãos cheias e todos, pode dizer-se, pagaram com o seu sangue a honra de levar o nome de Jesus às nações pagãs.

Vinte séculos decorreram já, e após os primeiros enviados, milhares e milhares de outros se arrojaram até dos confins da terra, impacientes por conquistar almas a Cristo, à Igreja.

E quereis saber até onde levaram a linha da frente católica?

Olhai para o globo terrestre ou para um mapa-múndi. No grande continente da Ásia os missionários penetraram em tôda a parte: nas Índias, trabalham por destronar Visnu, Civa e as inumeráveis divindades que a imaginação popular criou; na China e no Japão, lutam contra Buda e Confúcio; estabeleceram-se na Índia-China, na Birmânia na Pérsia, na Turquia; unicamente os



imensos territórios do Tibet e do Turquestão chinsês, lhes estão ainda fecha-

dos. Na Oceania, os pequenos barcos de «pescadores de homens», abordaram as linhas mais recuadas! Na Austrália o seu apostolado exerce-se junto dos povos

situados na parte interior da região. Depois na terra africana, na árida mata, os pioneiros de Cristo encontram-se no seu pòsto, destruindo o culto dos *manipansos*, a influência dos feiticeiros. Finalmente, sulcando o caminho de Cristóvão Colombo, transpuseram o Atlântico; e se grande parte do Novo Mundo se tornou terra cristã, a sua tarefa não está

ainda acabada junto das tribus indianas que erram nas florestas do Sul, ou no Norte Canadiano, ou na Alasca de gelos polares, regiões que são contadas ainda presentemente entre os postos missionários mais perigosos.

Que esforço gigantesco isso não representa? E todavia não basta ter implantado a Cruz do Salvador sôbre todos os pontos do globo, é preciso ganhar tôdas as almas. Esta conquista definitiva é o objecto da solicitude constante da Igreja; a-pesar-de inúmeras dificuldades, das guerras, das perseguições, ela prosseguirá até ao fim do mundo a sua obra de salvação. Todos os cristãos têm pois dever de cooperar numa certa medida na propaganda do Evangelho e cada um tem o seu lugar marcado no exército missionário.

Parece-me estar a ouvir Jesus Cristo dizendo-vos também a vós, jovem milícia entusiasta: «Ide...»

Sim ide..., isto é, mesmo de longe tomai parte na grande batalha dando às vossas orações, aos vossos sacrificios e ao vosso zêlo *o fervor que compra as almas*.

O TÊRÇO DE SUSSAI

NO sul da Índia, a primavera é eterna; parece o paraíso terrestre! Os passarinhos cantam ao desafio, os pequeninos índios acompanham-nos com os seus gorjeios, e o Senhor Sol, anima ainda com os seus brilhantes raios as côres vivas da natureza.

A vida é fácil e o índio precisa de pouca coisa para viver... Basta-lhe uma faixa, uma esteira e uma noz de coco... Isto é um benefício divino para os pobres,



pois são muito numerosos, e, o que é mais, são numerosos também a reclamar os socorros da caridade que se oferece para os ajudar.

Em Coimbatour, no antigo convento da Imaculada, a população está ocupadíssima, fala-se baixo, corre-se duns lados para os outros, tecem-se grinaldas. Prepara-se alguma coisa... É um mistério, mas um mistério que tôda a gente conhece... Amanhã é a festa da Madre Superiora.



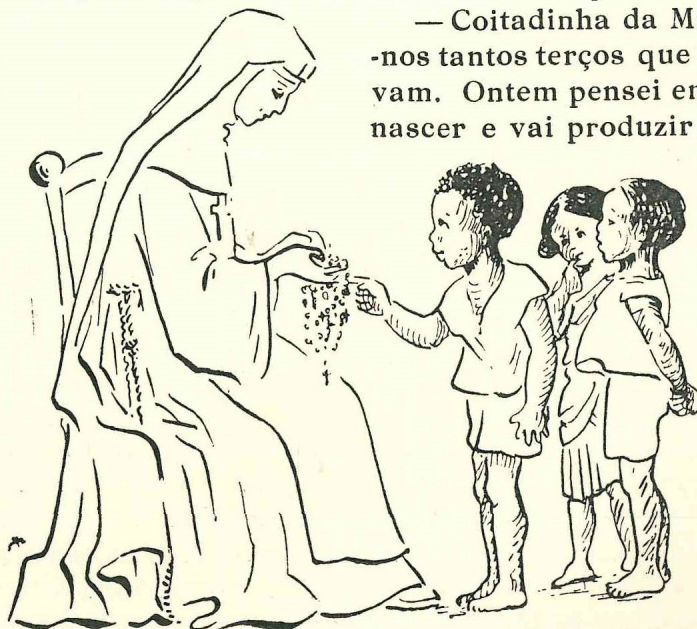
Nesse dia pode dizer-se, é verdadeiramente a festa de todos, dos miúdos, das velhinhas, das crianças da escola e dos catecúmenos. Que alegria transparece em to-

dos os rostos! A felicidade é imensa! Tudo está embandeirado, e desta vez as decorações foram muito mais inspiradas nos palácios índios, que... nas visões celestes!

Os aplausos e os sorrisos da Madre Superiora são esperados e espionados, as aclamações e os vivas aumentam a alegria comum. Cada um pretende cantar, dançar e recitar o melhor possível. À pequena sessão segue-se a tradicional distribuição de bombons, mas uma efusão de alegria, de gritos de entusiasmo, saúdam a aparição primeiramente de massos de santinhos e em seguida da «cascata» de terços. As contas de vidro de tôdas as côres brilham tanto que mais parecem pedras preciosas.

«Como a mãe Superiora deve ser rica para ter assim tantos terços!» exclama Sussai. E os seus olhitos já não largam aquelas pedrarias.

Emfim chega a sua vez. Após um instante de hesitação, pois o seu desejo era levar de todos, a sua preferência cai sobre um de contas rubis! Tudo é novo, tudo é belo! Durante bastantes



dias, na capela, um encantador tinido de terços acompanha o harmónio, as orações e atrai a atenção de toda a gente.

No entanto, passados um dia ou dois, Sussai, mais orgulhosa que qualquer outra com o seu tesouro, entra na capela, um pouco embaraçada e... de mãos vazias. Começa a recitação do têrço e a Irmã faz-lhe sinal para que pegue no seu. Sussai não se mexe. Novo sinal; Sussai conserva as mãos postas. Quem sabe, te-lo-ia esquecido em casa?

Ao sair da capela diz-lhe a Irmã:

— «Ouve Sussai, o teu tercinho onde está? Perdeste-o?»

— Não, Tayarée.

— Então?... Onde está?...

— «Tayarée, sabe o que a Mestra nos manda cantar?»

— Não sei o que é.

— Quando a terra está bem trabalhada, se tem bom trato e se nela semeamos grãos, Deus dá-nos flores e frutos muito belos.

— Sim, e depois?»

— Coitadinha da Madre Superiora! Deu-nos tantos terços que quasi não lhe chegavam. Ontem pensei em semear o meu. Vai nascer e vai produzir muitos mais e assim

para o próximo ano a Madre Superiora já terá maior quantidade.» E Sussai aliviada com esta confiança, conduziu a Irmã ao seu jardinzinho bem cavado e bem regado. Um pauzinho marcava o lugar onde o têrço estava enterrado.

«Eu fiz um grande



sacrifício é certo, mas vai ver, Tayarée, vou tratá-lo tão bem que para o próximo ano haverá muitos, muitos mais terços.»

Agora será preciso ensinar a Sussai que os terços se transformam em rosas de ouro, mas... é só nos jardins do paraíso.

Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

A MISSÃO

OS exploradores do Congo, Douville, Livingstone, Stanley, etc., foram os primeiros a abrir o Continente negro à civilização. A seguir, Mons. Augouard, o grande Missionário e muitos outros começaram a obra evan-

gelizada-
ra. Por
sua vez
os Padres
do Cora-
ção Ima-
culado de
Maria, ou
antes, os
Padres de
Scheut,
chegam
à grande

colônia belga. Pas-
sava-se isto há cin-
qüenta anos, em 1888. De-

signaram-lhes para centro de
apostolado um lugar na margem
do rio a que os brancos tinham
pôsto o nome de Nova-Antuérpia,
muito longe, quási no centro da
África.

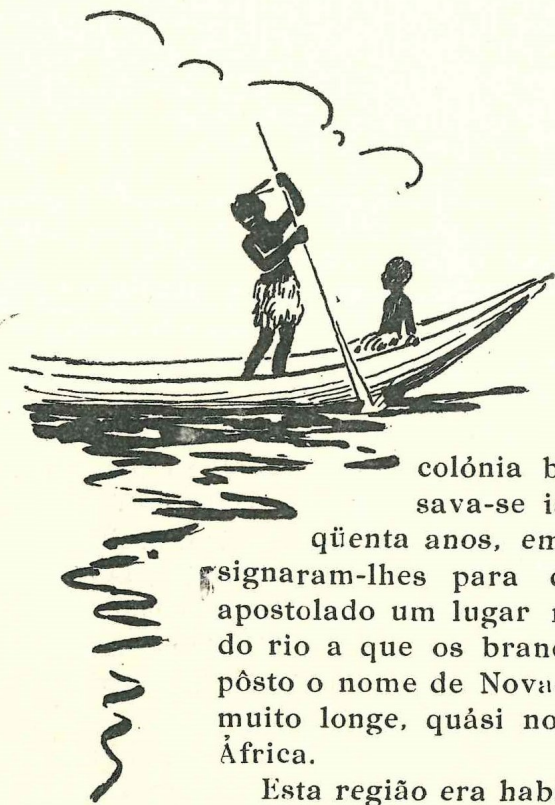
Esta região era habitada pelos
bargalas, tribu das mais selva-
gens e que viviam na grande floresta, em
simples cubatas de folhagem.

Naquele tempo os meios de locomoção
actuais não existiam no Congo; não havia
caminho de ferro, automóveis e muito me-
nos aviões. Um barco a vapor no rio era

uma coisa tão rara como extraordinária e
quando passava, com certeza um por mês,
os negros corriam à margem, depois apa-
vorados, escondiam-se na mata para ver
essas enormes máquinas às quais muitas
vezes atiravam setas envenenadas.

O que êles conheciam sòmente, eram as
suas compridas pirogas que faziam deslizar
com a ajuda duns remos, cujo nome prò-
priamente é pangaaios. Porém muitas ve-
zes, desgraçadamente, um enorme hipopó-
tamo ou um mau crocodilo, escondido de-
baixo da água, voltavam com uma forte ca-
beçada a frágil embarcação, precipita-
vam-se sôbre os pobres negros e devora-
vam-nos.

Quando chegaram a Nova-Antuérpia, os
Padres de Scheut não encontraram mais do
que os matos e a grande floresta povoada
de tigres, de liões, de panteras, de boas e
de tôda a espécie de animais selvagens;
havia também soberbos papagaios. No
cerrado bosque, defendendo-se como podia
das feras, habitava também, já o dissemos,
uma tribu negra, os terríveis bangalas. So-
bressaltados e descontentes por verem es-
tabelecer-se no meio deles os brancos, fu-
giam-lhes, ou em qualquer ocasião procu-
ravam causar-lhes dano, quando não tenta-
vam até matá-los. Em tais condições, a vida
não foi côr de rosa, no princi-
pio, em Nova-Antuérpia. Como
ninguém vinha auxiliá-los, os
Padres tiveram que construir
êles próprios os seus *chimbecks*,
pequenas casas com o chão de
terra calcada, as paredes igual-



mente de terra e por tecto uma espessa camada de côlmo. Fundada a «Missão», deitaram-se ao terreno vizinho desmoitando-o para aí plantar a mandioca.

Espreitando estes brancos às escondidas e vendo-os trabalhar pacificamente a terra, pouco a pouco, alguns bangalas aventuraram-se, aproximaram-se dêles e, como eram bons, juntaram-se-lhes. Mas era um pequeno número apenas. Então os Padres começaram por ensinar-lhes a trabalhar, depois a falar-lhes do grande *Nzambi* (Deus), e assim surgiram os primeiros catecúmenos. Não tardou que houvesse uma cerimónia de baptismo, e finalmente, em volta da missão, construíram-se oito cabanazinhas; eram os primeiros fundamentos duma aldeia cristã. Uma aldeia cristã! Mas que excelente ocasião para fazer projectos e bellos sonhos!

Um dos primeiros foi ter Irmãs que civilizassem, instruissem, catequizassem as mulheres bangalas, e dessem aula às crianças. Foram convidadas as Franciscanas Missionárias de Maria pelo Cardial-Arcebispo de Malines; acçitaram e, a 7 de Julho de 1896, oito religiosas embarcavam para Nova-Antuérpia.

A VIAGEM

Nesta época, ir ao Congo era uma empreza audaciosa e habitar lá, a prova duma coragem inaudita; as religiosas que partiram foram festejadas. O Arcebispo de Malines, o Cardial Gossens, assistiram à partida; o rei Alberto, nessa altura príncipe Alberto da Bélgica, encontrava-se presente com um destacamento de soldados. Quando a sereia deixou ouvir os silvos estridentes, e o barco levantou ferro, afastando-se lentamente do cais, o Cardial deu uma última bênção, o príncipe saüdou as missionárias e a banda de música tocou entusiásticamente a *Barbança*, hino patriótico da Bélgica.

Fazendo-se ao largo, o *Albertville* não tar-

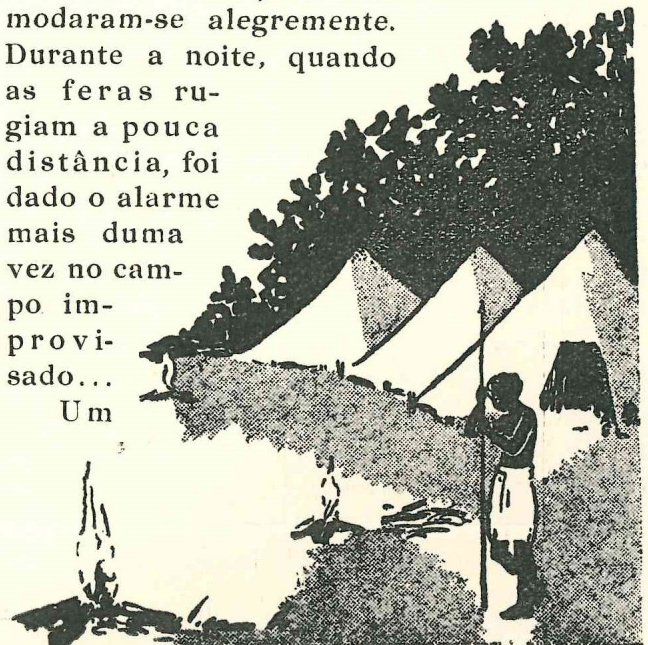
dou a ser um ponto no vasto estuário do Escalda.

A travessia foi boa e no dia 1.º de Agôsto, as missionárias desembarcaram em Boma. Embora fôsse a capital do Congo, não era então mais do que um agrupamento de algumas feitorias, pavilhões e *chimbeks* no meio do bosque, cercados dum certo número de cubatas para os negros, e com uns meios de comunicação ainda muito primitivos e por organizar. Foi preciso aguardar dois dias o vapor «Andorinha», que fazia o trajecto do grande rio até Matadi, e aí esperar mais 14 dias o pequeno combóio — e que combóio! — de serviço entre Matadi e Tumba.

Em Tumba, outro novo pôsto na margem do Congo, a Missão nascia numa pobreza absoluta; o Rev. Padre Bert habitava uma minúscula casa rústica, género dinamarquês, da qual um compartimento servia de capela, um outro mais pequeno de quarto de dormir e um alpendre de escritório e de sala de jantar.

Que hospitalidade podia oferecer às missionárias que chegavam da Europa? O caso era muito simples. Levantaram-se tendas e tudo se arranjou. Acomodaram-se alegremente. Durante a noite, quando as feras rugiam a pouca distância, foi dado o alarme mais duma vez no campo improvisado...

Um



animal andava ali em volta... Graças a Deus que não era nem um tigre, nem um leopardo, mas a visita intempestiva dum burro, emoção renovada depois pela vinda dum chacal!... Esta vida ao ar livre durou 15 dias. Entretanto preparava-se a caravana, porque entre Tumba e Kimenza não havia linha férrea e os rápidos do rio não permitiam que as pequenas embarcações subissem a corrente.

Agora fazei idea duma caravana de trezentos negros!... Porque eram precisos para mais que não para menos. Um certo número era designado para levar as viajantes nas rédes, outros para carregar as barracas, as bagagens, os viveres, etc... Em vista do calor excessivo, cada homem transportava um pequeno carrêgo, vinte, trinta quilos o máximo que colocava sôbre a cabeça; e também era preciso contar com o trôço sobressalente, o que duplicava o número dos negros.

À noite acampava-se à beira do rio ou em plena floresta; acendiam-se fogueiras que era preciso conservar tôda a noite para afastar os animais ferozes, armavam-se tendas e cada um embrulhado num simples cobertor dormia enquanto alguns homens faziam a guarda.

Peripécias, fadigas, aventuras de todo o gênero nada falta durante esta viagem; várias vezes mesmo os condutores abandonavam, no meio do bosque, as religiosas e o missionário que conduziam. Foi preciso tôda a autoridade dêste último e o mêdo ao chefe que os comandava, para decidir os rebeldes a continuar o seu caminho.

Finalmente, após doze dias de balouçadas e sacudidas nas rédes as religiosas chegaram a Kimenza.

Os Padres Jesuítas encontravam-se já instalados nesta aldeia e dirigiam uma escola de rapazes, enquanto as Irmãs de Nossa Senhora se ocupavam das jovens e das mulheres negras.

Ai, nova paragem de três dias, depois

um outro dia de viagem e as missionárias chegavam por fim a Léopoldville onde deviam encontrar-se com Mons. Van Ronslé, então vigário apostólico de todo o Congo Belga. Mas iam sofrer uma decepção... O vapor que devia no dia seguinte, conduzil-as ao Norte, era muito pequeno e não podia receber a bordo mais do que cinco religiosas. As outras viram-se forçadas a esperar em Berghes-Santa-Maria, pôsto missionário vizinho, um outro barco que as levaria a Nova-Antuérpia. Mas era tão rara a sua passagem, que havia justificado motivo para perguntar quando é que se achariam tôdas reunidas na nova missão!

Todavia nada mais a fazer do que submeter-se.

A superiora, a Rev. Madre Maria do Bemaventurado Rizzier e as religiosas que ela designou, partiram pois. Mas ser apóstolo, é salvar almas e como fazê-lo, sem unir o sofrimento à oração? A cruz não ia faltar às nossas missionárias do Congo.

Ainda o vapor não tinha partido há dois dias e eis que de novo se vê descer o rio e atracar. Que se passara?... Uma das Irmãs fôra atacada duma febre violenta e morrera depois de vinte e quatro horas de viagem. O capitão, um protestante cheio de delicadeza, ofereceu-se à Superiora para voltar à Missão a-fim-de ela poder fazer aí o entêrro da pobre Irmã. Que regresso tão triste! E como ficaram comovidas e desoladas as religiosas que estavam em Berghes-Santa-Maria, quando o vapor chegou.

À tardinha, às 8 horas, a Missão inteira seguia o caixão da Irmã Maria Gaudência, falecida antes de ter atingido o término da viagem; no dia seguinte pela manhã, as órfãzinhas acompanhavam com os seus cânticos a Missa de *Requiem*. Depois... a sereia silvou de novo e a pequena embarcação levantou ferro para Nova-Antuérpia.

«Que viagem! escrevia Madre Maria do Bemaventurado Rizzier no seu jornal, que viagem no meio dêstes queridos negros!...

Como não havia ponte, íamos instaladas no meio dêles. Além disso, todos os dias por espaço de algumas horas parávamos para fazer lenha. Os negros iam cortar na floresta a provisão quotidiana.»

Finalmente, depois de três longas semanas de viagem e de paciência, lá se viu surgir uma aldeia na margem esquerda do Congo, neste sítio vasto como um pequeno mar. Era Nova-Antuérpia I...

Apenas o vapor foi descortinado, logo a Missão inteira se reuniu e quando o vapor fundeou, o Comissário do distrito, o Padre

Superior, um Irmão e o Médico, numa palavra tôdas as autoridades locais, rodeadas de todos os negros dos arredores, estavam presentes para receber as Irmãs.

Mulheres brancas! Nunca tal os bangalas tinham visto! Que coisa nova e tão surpreendente! E ficavam pasmados, esbugalhando os olhos para um e outro lado! Foi preciso que a voz imperiosa do Padre os decidisse a collocarem-se em filas para a entrada solene das religiosas na Missão.

(*Continua*).

Severino

COM a sua blusa azul marinho bem cingida ao corpo, as mãos nos bolsos, o nosso herói passeia na amurada do navio, detendo-se de vez em quando embalado por essa cadência particular aos que frequentam os sobrados móveis.

Nessa tarde, a grande extensão azul apresenta-se magnífica!

O dia de serviço está acabado, é a hora de repouso. O marinheiro vem encostar-se à ré, sonhador.

Mas quem é Severino?... É um pobre rapazito, órfão desde tenra idade, que cresceu um pouco como os cogumelos, conhecendo só as carícias do ar livre e do sol e a alegria de agir segundo a vontade da sua fantasia.

Quanto a instruir-se, foi coisa que nunca o preocupou. A escola da cabulice, a única frequentada, ensinara-lhe unicamente a trepar às árvores em busca dos ninhos e dos frutos selvagens.

E religião?... Até essa palavra ignorava; e se algumas vezes tinha olhado com certa inveja os primeiros comungantes, ao sair das igrejas tôdas iluminadas, ostentando os seus fatos de gala, era sobretudo

ao vê-los rodeados pelos pais, êle de pequenino sempre sòzinho, que sentia pesar duplamente a sua solidão naqueles dias.

Filho e neto de marinheiros, Severino não podia sonhar senão com barcos e ondas azues. Fêz com um velho lobo do mar o seu aprendizado de grumete que depois lhe arranjou contracto numa Companhia de paquetes na linha do Extremo Oriente.

Desde então, Severino fêz muitas vezes o percurso Itália-China, China-Itália, sofrendo alternadamente os calores do Mar Vermelho e as tempestades do Oceano Índico. Valente contra os enjoos e os ardores dos trópicos, oferecia realmente o tipo do marinheiro ideal. Honesto, bom camarada, exacto no serviço, alegre e não temendo o perigo.

Oh! que bela vida a de marinheiro! Gozar dos horizontes ilimitados, passear por tôda a parte sem mudar de casa, ver tanta gente e tantas coisas melhor do que no cinema, enfim, prazeres que o satisfaziam plenamente e que lhe ficavam baratos.

Assim vogava o jovem marinheiro embarcado sem fé nem guia no oceano da vida. A estrêla do mar todavia, vigiava por êle!

Uma doença sem gravidade fê-lo baixar ao Hospital Geral de Xangai, e passados alguns dias, o navio continuava a sua rota em demanda da Itália. Esta escala imprevista não lhe sorria absolutamente nada; todavia era preciso aceitá-la de boa ou má vontade.

Uma temporada num hospital torna-se muito de-prensa monótona; por felicidade não tardou em encontrar uma Irmã da sua pátria e falando a sua língua.

Travado conhecimento, versados vários assuntos, a conversa resvalou pouco a pouco para o terreno religioso. Perante as narrações da Bíblia e do Evangelho o companheiro do lado revivia as suas recordações da infância.

«Sabes amigo, é verdade tudo o que diz a Irmã. Antigamente, minha mãe contava-me as mesmas histórias e íamos ambos à igreja; mas depois que morreu, não tardou que eu esquecesse o caminho».

Para Severino estas conversas não tinham o mesmo interesse; era uma coisa nova e tão difícil de compreender! Então calava-se. Algum tempo depois, Carlos pediu para receber os sacramentos.

— E o Severino quando fará como êle?

— Oh! a mim não vale a pena começar. Ando sempre de viagem e não terei tempo para isso.

— Ora aí está, pelo contrário, um excelente motivo. Aproveite a ocasião que se apresenta e depois encontrará sempre meio de confessar-se e comungar.

— Pensa que sim?... E além disso, há já tanto tempo...

— Não podia ter sido há muito! Vamos lá a ver, há quanto?

— Pelo menos há uns sete anos!

Com esta mentira, Severino julgava que a Irmã o deixaria, porém enganou-se.

— Sete anos! Mas não é assim tão terrível! Lembra-se ainda da sua primeira Comunhão, não é verdade?

— Da Comunhão?... Para ser franco já não me lembro nada...

Desta vez a Irmã compreende; não eram apenas sete anos de esquecimento...

— Severino, creia no que eu digo. Aproveite estes poucos dias, comece a estudar e verá que não é assim tão difícil.

Estas palavras agradaram-lhe; no mesmo instante aceitou um catecismo e principiou as lições que se tornaram cada vez mais frequentes.

— Eis, Irmã, uma escola de bela aprendizagem, da qual eu tiraria muito lucro.

A cura trouxe a questão da partida. Na véspera, Severino confessou-se pela primeira vez e comungou. Não ostentava braceadeira branca nem círio algum, mas no íntimo da alma sentia uma alegria profunda.

Ao sair da missa, alegre festa no hospital. Os mais fortes tomam lugar junto de Severino numa grande mesa toda florida. Estampas, medalhas, pequenas recordações acumulam-se sobre ela.

O marinheiro ordinariamente tão falador, não sabia como agradecer. Falava por si a grande felicidade que o inundava!

No dia seguinte retomava a grande esteira do oceano.

— Então, estás mergulhado num sonho?

Severino levanta-se. O hospital, a grande sala, a capelinha muito branca, dissipam-se de repente, mas estreitava a medalha da Virgem Maria com as suas mãos carregadas de graças.

— Olha, responde então ao companheiro admirado, pensava muito simplesmente que estávamos a caminho do pôrto!